

"NOTAS E APONTAMENTOS SOBRE A FUNÇÃO DA IGNORÂNCIA E SUA RELAÇÃO COM O SABER INCONSCIENTE"

Ana Herrera

Escuela de Psicoanálisis de Tucumán

Lacan dirá em uma palestra sobre o saber do psicanalista, proferida em novembro de 1971, "para começar com o saber, fiz observar, em um tempo já distante, que o fato de a ignorância poder ser considerada, no budismo, como uma paixão, é um fato que se justifica com um pouco de meditação, mas como a meditação não é o nosso forte, não há para fazê-la conhecer mais que a experiência, e ele propõe; a ignorância não é uma desvantagem, tampouco um déficit, é outra coisa: a ignorância está ligada ao saber", fato de correlato de ignorância. Neste ponto, é importante colocar a ignorância como diferença entre saber e verdade, já que "é na sensível fronteira entre saber e verdade que se sustenta o discurso da psicanálise" e a experiência analítica, "é necessário demonstrar que está na psicanálise, fundamental e primeiramente, o saber". Em um artigo de Freud "Uma dificuldade no caminho da psicanálise", o próprio título dá conta de que o saber do qual se trata não passa comodamente, é que há uma dificuldade muito específica que Freud tem para fazer entrar em jogo uma certa função do saber pela consistência mesma que tem o saber, que faz com que quando se sabe algo, o mínimo que se pode dizer é que se sabe que se o sabe, aí está o medular, o que acrescenta, ou seja, o mamarracho com forma de eu (que está feito ali ao redor), isto é; saber que o que sabe que sabe sou eu, esta referência ao eu é secundária em relação a isto de que um saber se sabe, mas "a novidade é o que a psicanálise revela: é um saber não sabido por si mesmo, se o inconsciente é algo surpreendente é que este saber é outra coisa, o saber não sabido do qual se trata na psicanálise é um saber que, por suposto, se articula, está estruturado como uma linguagem", é uma subversão que se produz na função, na estrutura do saber, este saber, este novo estatuto de saber é o que traz aparejado um tipo totalmente novo de discurso, a linguagem da qual se

trata é a linguagem na qual se pode diferenciar o código da mensagem, sem esta distinção mínima não há lugar para a palavra, quando Lacan introduz estes termos, os titula "função e campo da palavra"; para a palavra é a função, "e da linguagem"; para a linguagem é o campo, ou seja, a função da palavra no campo da linguagem, a palavra define o lugar do que se chama a verdade como estrutura de ficção do saber. No seminário 1, quando Lacan desenvolve a questão da palavra na transferência, ele diz; o que fala no homem vai muito além da palavra até penetrar em seus sonhos, em seu ser e em seu organismo mesmo. A descoberta freudiana nos leva a escutar no discurso essa palavra que se manifesta através ou mesmo apesar do sujeito, não nos diz essa palavra apenas com o verbo, mas com todas as suas demais manifestações, com seu próprio corpo o sujeito emite uma palavra que, como tal, é palavra de verdade, uma palavra que ele nem mesmo sabe que emite como significante, porque diz mais do que quer dizer, sempre diz mais do que sabe que diz. Para uma representação topológica da questão, ele escreve na lousa um diamante, um poliedro e diz; concebamos que o plano médio, o plano onde se situa o triângulo que divide em dois esta pirâmide, representa a superfície do real, do real em sua simplicidade, nada do que está aqui pode franqueá-lo, os lugares estão ocupados, mas tudo mudou no outro piso, porque as palavras, os símbolos introduzem um buraco, um vazio, através do qual todo tipo de passagens são possíveis, as coisas se tornam intercambiáveis, esse buraco no real é chamado, de acordo com o modo de abordá-lo, o ser ou o nada, esse ser e esse nada estão vinculados essencialmente ao fenômeno da palavra, vou retomar este ponto em relação à localização da ignorância entre os registros simbólico e real. Na tripartição do simbólico, do imaginário e do real, categorias elementares sem as quais nada podemos distinguir em nossa experiência, situa-se a dimensão do ser, apenas na dimensão do ser, e não no real, podem inscrever-se as três paixões fundamentais, amor, ódio, ignorância, ora esta última, que se situa na união entre o real e o simbólico, constitui um componente primário da transferência, "sem esta referência não há entrada possível na análise: nunca se a nomeia, nunca se pensa nela, quando na realidade é fundamental" já que é a mais próxima ao sujeito. Quando se empreende a busca da verdade como tal, é porque se situa na dimensão da

ignorância, como paixão por ser. O analista não tem que guiar o sujeito para um saber, mas sim para as vias de acesso a esse saber; deve comprometer o sujeito em uma operação dialética, mostrar-lhe que fala mal, ou seja, que fala sem saber, como um ignorante. A posição do analista deve ser de uma ignorância douta, não quer dizer sábia, mas formal, formadora do sujeito, de acordo com o modo de abordar a ignorância como paixão do ser através da palavra, registro simbólico. Mencionarei também outra forma de abordar o buraco, o nada, vertente pulsional; registro real. No seminário 11, quando Lacan trabalha a questão da transferência e da pulsão na dialética do sujeito e do Outro, ele realiza um esquema: coloca o sujeito na borda da zona erógena, como o nada, em relação ao inconsciente como campo do Outro; o sujeito por advir em relação ao Outro. Ali o sujeito como tal está na incerteza devido a estar dividido por efeito da linguagem, por efeito da palavra, o sujeito se realiza a cada vez no campo do Outro, assim "o inconsciente estruturado como uma linguagem, tem a ver com a gramática, tem também um pouco que ver, muito que ver, tudo que ver, com a repetição". Tornar-se a cada vez, através da experiência da análise que encontra sua medida nas vias da douta ignorância. Para terminar, algumas palavras de um poema: Há golpes na vida, tão fortes.... eu não sei! São poucos, mas são... abrem trincheiras escuras no rosto mais feroz e nas costas mais fortes... eu não sei! e o homem... pobre! volta os olhos, como quando sobre o ombro nos chama um tapa e tudo o que se viveu se acumula como poça de culpa no olhar... eu não sei! Fragmento de Los Heraldos Negros - Cesar Vallejo.